

Painel de Especialistas e Estratégia Multimétodos: Reflexões, Exemplos, Perspectivas

José de Queiroz Pinheiro
Tadeu Mattos Farias
July Yukie Abe-Lima

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal, RN, Brasil*

RESUMO

Utilizamos a expressão painel de especialistas para identificar uma técnica de pesquisa empregada em psicologia, administração e ciências sociais em geral. Mostramos sua utilização tradicional em pesquisa, contextos científicos em que tem sido empregada, enfatizando sua aplicação em pesquisas que adotem a estratégia multimétodos, seja na modalidade de técnicas concomitantes ou sequenciais. Para maior clareza, acrescentamos dois exemplos extraídos de nossos estudos na área das relações pessoa-ambiente. O sentido clássico do termo é redefinido para o contexto desta apresentação, na medida em que apresentamos o painel de especialistas como uma das técnicas de coleta de dados propriamente dita, assegurando maior fidedignidade na representação do fenômeno investigado e redução do viés metodológico.

Palavras-chave: Painel de especialistas; multimétodos; pesquisa exploratória; estudos pessoa-ambiente; entrevista.

ABSTRACT

Expert Panel and Multimethods Strategy: Reflections, Examples and Perspectives

The expression experts panel is herein used to identify a research technique employed in psychology, business management and the social sciences in general. We present its traditional utilization in research, and scientific contexts in which it has been used, emphasizing its application in projects adopting the multimethods strategy, whether in simultaneous or sequential approaches. For the sake of clarity, we added two illustrations extracted from our studies in the area of person-environment relationships. The classical meaning of the expression is redefined to the context of this presentation, in the sense that the expert panel is itself presented as a data collection technique, thus ensuring reliability in the representation of the phenomenon under investigation and reduction of methodological bias.

Keywords: Expert panel; multimethods; exploratory research; person-environment studies; interview.

RESUMEN

Panel de Expertos y Estrategia Multimétodos: Reflexiones, Ejemplos, Perspectivas

Utilizamos la expresión panel de especialistas para identificar una técnica de investigación empleada en psicología, administración e en las ciencias sociales en general. Mostramos su utilización tradicional en investigaciones, contextos científicos en que ha sido empleada, enfatizando su aplicación en estudios que adoptan la estrategia multimétodos, sea en la modalidad de técnicas concomitantes o secuenciales. Para mayor clareza, añadimos dos ejemplos extraídos de nuestros estudios en la área de las relaciones persona-ambiente. O sentido clásico del termo es redefinido para o contexto de esa presentación, en la medida en que presentamos el painel de especialistas como una de las técnicas de coleta de dados propriamente dicha, asegurando mayor confiabilidad en la representación del fenómeno investigado además de la reducción del sesgo metodológico.

Palabras clave: Panel de expertos; multimétodos; pesquisa exploratoria; estudios persona-ambiente; entrevista.

INTRODUÇÃO

Painel de especialistas é um termo genericamente empregado em vários âmbitos das atividades humanas. Neste trabalho vamos utilizá-lo para identificar uma técnica de pesquisa empregada em psicologia, administração e ciências sociais em geral, geralmente em investigações que incluem mais de uma técnica de pesquisa, de acordo com concepções multimetodológicas. Pretendemos mostrar a importância de se incluir a visão de especialistas, no sentido aqui proposto, em estudos sobre fenômenos multideterminados. Nessa acepção, o especialista representa uma perspectiva bem específica sobre o assunto, a ser integrada com outras visões sobre o tema, e não implicando em palavra final ou definitiva a respeito do mesmo. Embora os dois estudos que ilustram este artigo e a maioria da literatura utilizada se refiram à área de estudos das relações pessoa-ambiente (psicologia ambiental), o tratamento da questão aqui apresentado é aplicável a outros setores da Psicologia e às ciências sociais em geral.

Nesse início de século, talvez o exemplo mais conhecido de uso do termo painel seja o do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (ou IPCC, sigla em inglês para Intergovernmental Panel on Climate Change), um órgão internacional composto por mais de mil cientistas de vários países. A tradução da palavra inglesa panel para o português, no entanto, é prejudicada pelos vários significados de painel em nossa língua (pintura sobre tela ou madeira; divisória em sala de exposição ou museu; almofada de portas, janelas e móveis; quadro dos instrumentos de controle de uma instalação ou motor; visão ou quadro; entre outros). Tanto é assim, que a comissão nacional constituída para fins semelhantes aos do IPCC foi denominada Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas. O que importa destacar aqui é o caráter coletivo da iniciativa, que reúne várias pessoas consideradas capazes para o tratamento das questões envolvidas no objetivo da pesquisa, geralmente implicando a análise de tema complexo e controverso. É justamente essa competência de seus membros o que caracteriza o painel de especialistas como técnica de pesquisa. A “especialidade” de seus integrantes pode se referir aos ambientes ou situações de interesse para a pesquisa, às pessoas investigadas, ou mesmo aos fenômenos (ou conceitos) a serem tratados. A utilização dessa técnica adquire especial relevância quando inserida em contexto de pesquisa que empregue a estratégia multimétodos (Brewer e Hunter, 2006; Günther, Elali e Pinheiro, 2008, 2011; Sommer e Sommer, 2002), como pretendemos deixar claro nas seções a seguir.

UMA APRESENTAÇÃO CLÁSSICA

Taylor, Zube e Sell (1987) apresentaram, em trabalho hoje considerado um clássico na área, uma revisão de técnicas de pesquisa utilizadas na avaliação ambiental. Cientes da importância de situar as estratégias de pesquisa no contexto teórico-epistemológico que as abriga, adotaram nessa revisão um modelo que considera os seres humanos e seus ambientes de atuação “em situação de mútua influência, cada um afetando o caráter e a qualidade do outro” (p. 362). Nessa relação de interdependência, ocorre uma interação que gera resultados que retroalimentam os elementos dessa interação. Com base nesse exame das técnicas de pesquisa, definiram quatro paradigmas de pesquisa em avaliação ambiental: psicofísico, cognitivo, experiencial e de especialistas (ou experts). “Cada um desses paradigmas apresenta vigores e fraquezas, e cada um pode ser mais bem aplicável a diferentes tipos de problemas” (Taylor et al., 1987, p. 362). No psicofísico, valores ambientais derivam da ação de estímulos ambientais sobre respondentes humanos passivos. No cognitivo, as pessoas seriam vistas como “pensadores” cujos valores estéticos decorrem da maneira com que a informação é codificada na mente ou por meio de processos sociais. O paradigma experiencial enxerga as pessoas como participantes ativos na paisagem, obtendo seus valores da experiência. No paradigma de especialistas, que é o que nos interessa aqui, as avaliações são realizadas por observadores altamente habilitados, como arquitetos ou ecólogos, entre outros profissionais. Essa técnica de pesquisa pressupõe, mesmo que às vezes de modo não explícito, uma habilidade “superior” (“mais bem qualificada”) por parte dos especialistas, que deteriam um conhecimento mais “objetivo” do assunto estudado, e cujo treinamento específico lhes asseguraria realizar avaliações “válidas” (Taylor et al., 1987). Por outro lado, nessa concepção clássica do que seja o painel de especialistas, o público leigo, embora capaz de ser educado, não teria a capacidade intrínseca para a tarefa, estando mais vulnerável a influências emocionais e produzindo reações subjetivas. Como esperamos deixar claro nas seções a seguir, essa visão está sendo cada vez mais superada em concepções contemporâneas da investigação científica em ciências humanas e sociais, especialmente com a adoção de estratégias multimetodológicas.

A revisão de literatura apresentada por Taylor e colegas (1987) menciona ter encontrado, entre os artigos que tratavam de percepção da paisagem nas décadas de 1960 e 1970, 40% utilizando o paradigma de especialistas. Nessa mesma época ocorria o

surgimento e crescimento do movimento ecológico e a implantação de órgãos públicos dedicados aos problemas ambientais nos EUA e Reino Unido, países considerados naquela revisão. Isso fez com que estudos que adotavam esse paradigma de especialistas estabelecessem as bases tanto para cenários naturais, geralmente em zona rural, como para ambientes construídos naqueles dois países, e em outros que os adotassem como modelos, ou se inspirassem irrefletidamente nos mesmos princípios.

Apesar das vantagens práticas e financeiras do paradigma de pesquisa de especialistas, os mesmos autores destacam o reconhecimento de suas deficiências e limitações pelas próprias agências que realizavam tais estudos (Taylor et al., 1987). Eles destacam a importância de se vincular a estratégia investigativa do painel de especialistas aos propósitos da pesquisa, e enfatizam a utilização combinada dos quatro paradigmas, de modo a diminuir o efeito das limitações de cada um e potencializar suas vantagens em um resultado combinado e mais robusto. Variações do painel de especialistas como técnica de pesquisa.

O painel de especialistas pode fazer parte de um projeto de pesquisa em dois momentos distintos: (1) como parte de uma fase preliminar, em que contribui para o estabelecimento de bases para a investigação; ou (2) como parte da coleta de dados propriamente dita, seja como estratégia única de investigação, ou, como é cada vez mais comum, combinada com outras. A pesquisa social compreende uma fase inicial, de ruptura, que consiste em “romper com os preconceitos e as falsas evidências, que somente nos dão a ilusão de compreendermos as coisas” (Quivy e Campenhout, 1998, p. 26). Uma etapa integrante dessa fase inicial de ruptura é a de exploração, quando a literatura sobre o assunto deve ser revista, e também entrevistas exploratórias podem ser realizadas com docentes, peritos, pesquisadores ou testemunhas privilegiadas. A importância dessas entrevistas para a pesquisa será tanto maior, quanto mais puderem contribuir para “encontrar pistas de reflexão, ideias e hipóteses de trabalho” (p. 70). A utilização da opinião de especialistas em um tema é “frequente em estudos qualitativos e exploratórios”, procedimento “válido e útil quando os objetivos do estudo assim o exigem” (Hernández-Sampieri, Fernández-Collado, e Baptista-Lucio, 2006, p. 566).

A participação dos especialistas na fase preliminar pode assumir três formatos distintos. No primeiro, eles são convocados para uma etapa inicial de “calibração” ou “validação” de instrumentos ou procedimentos, como no caso da pesquisa médica com medicamentos, ou de instrumentos de avaliação psicológica, entre

outras, quando sua avaliação é geralmente tomada como um parecer profissional final, de validação.

O especialista também pode ser acionado quando um novo domínio de pesquisa está sendo estabelecido, e não se conta com informações anteriores sobre o assunto. Foi o que aconteceu, por exemplo, quando da criação da Escala NEP (New Environmental Paradigm), por Dunlap e VanLiere, em meados dos anos 1970 (Dunlap e Van Liere, 1978). Esses autores pretendiam criar uma escala que pudesse avaliar o grau de compromisso pró-ecológico das pessoas, mas não sabiam por onde começar, pois o interesse da população pela conservação ambiental e consciência ecológica estava apenas começando a se desenvolver naquela época. Resolveram consultar acadêmicos de áreas como ecologia e similares, indagando sobre indicadores que o instrumento deveria conter, para que fosse possível identificar nos respondentes a presença desse interesse pró-ecológico. Mesmo quando o problema de pesquisa já foi definido e o andamento da investigação se aproxima da fase de verificação empírica, o contato com algum especialista pode ser recomendável. Esse terceiro tipo de abordagem dos especialistas na fase preliminar se aproxima do formato de um estudo piloto, no sentido de que o pesquisador pretende testar algum procedimento ou instrumento a ser efetivamente empregado na coleta de dados do estudo. É o caso, por exemplo, de um roteiro de entrevista ou questionário que, antes de ser efetivamente aplicado aos participantes do estudo, é respondido por integrantes de um grupo de pesquisa que, além de se comportarem como respondentes, podem fazer a crítica do instrumento ou procedimento, por terem conhecimentos relacionados aos objetivos e conceitos envolvidos no estudo. Diferentemente do primeiro tipo, neste caso as opiniões dos especialistas são analisadas criticamente, aceitas ou não, em função dos objetivos pretendidos no estudo. A contribuição de um painel de especialistas que nos interessa mais de perto neste trabalho, entretanto, é como técnica integrante da coleta dos dados a serem analisados na investigação. Existem muitos setores na pesquisa psicológica e social que se beneficiam com a inclusão de um ponto de vista especializado sobre o tema estudado, seja essa visão oriunda de profissionais atuantes no setor, de representantes de instituições envolvidas com o problema, de pessoas que já tiveram relação com a questão, etc. É comum, por exemplo, que estudos sobre as novas formas de atuação do psicólogo na área de saúde incluam, além dos usuários ou beneficiários dos serviços, também os profissionais prestadores desse serviço, em seus diversos níveis e especificidades de atuação ou responsabilidade, combinando as visões

desses grupos ao analisar os dados coletados. Painel de especialistas como parte da estratégia multimétodos.

É crescente a utilização em um mesmo projeto de pesquisa psicológica e social de mais de uma técnica de coleta e análise de dados. Isso se dá em consonância com a aceitação pelos pesquisadores da multidimensionalidade da maioria dos fenômenos de interesse para a pesquisa social, e com a lenta, mas progressiva, presença da pluridisciplinaridade no mundo da investigação científica. De modo análogo, já não causa tanta estranheza que um mesmo estudo contemple abordagens mistas, envolvendo estratégias tanto qualitativas quanto quantitativas (e.g., Creswell, 2010; Tashakkori e Teddlie, 2003).

A discussão detalhada dessas questões não cabe na amplitude desta apresentação, ao mesmo tempo em que atualmente existe farta literatura a respeito, seja em textos de caráter introdutório (e.g., Creswell, 2010; Günther, Elali, e Pinheiro, 2008, 2011; Sommer e Sommer, 2002), ou mais aprofundados/extensivos (e.g., Brewer e Hunter, 2006; Tashakkori e Teddlie, 2003). Convém, no entanto, enfatizar que qualquer técnica de coleta ou análise de dados deve ser sempre escolhida de modo a servir aos propósitos da pesquisa, e também que está subordinada aos pressupostos teóricos e epistemológicos a ela associados. A estratégia multimétodos pode ser empregada em investigações de âmbito mais restrito, ou amplo e complexo; pode envolver aplicação das técnicas em concomitância, ou de modo sequencial, quando cada etapa se beneficia dos resultados da etapa anterior. Este último foi o caso do estudo de Albino (2010), que tinha por objetivo analisar as possibilidades de participação do adolescente de um bairro periférico no planejamento e gestão do espaço urbano. A coleta de dados incluiu: levantamento documental e iconográfico, entrevistas exploratórias com pessoas conhecedoras do bairro estudado (as testemunhas privilegiadas, ou especialistas), um questionário respondido pelos adolescentes-alvo do estudo, seguido de entrevistas com um subgrupo daqueles, que também eram solicitados a realizar um desenho de seu bairro como parte da entrevista.

A inserção do painel de especialistas nesse cenário multimetodológico é considerada aqui tanto em versão individual, no formato clássico de uma interação entrevistador-entrevistado, como em grupo, se e quando a interação entre os respondentes for pertinente para os objetivos pretendidos. Os mesmos cuidados normalmente empregados em pesquisa por meio de entrevistas devem ser considerados para o caso. Ou seja: planejar e ensaiar o roteiro mais, ou menos, estruturado; considerar o ambiente da entrevista; o background tanto do entrevistador quanto do entrevistado; e o contexto

cultural, que envolve aspectos de comunicação não verbal e de territorialidade (Günther, 2008). No caso de opção por entrevista em grupo, convém observar que esta difere de um grupo focal no sentido de ser mais diretiva, ou seja, de o entrevistador conduzir a reação dos entrevistados. Um entrevistador de grupo quer ouvir a opinião de cada um e comparar suas respostas; portanto, analisa o indivíduo no grupo. No grupo focal, uma vez informada e entendida a temática de interesse do pesquisador, os participantes são deixados mais livres; a unidade de análise é o próprio grupo, com base nos aspectos valorativos e normativos que são referência do grupo. O que se busca é o aprofundamento na análise do tema, muitas vezes como fruto dos conflitos e diferenças de opinião entre participantes (Costa, 2005; Gondim, 2003).

Uma recomendação importante diz respeito à seleção dos informantes, que farão parte do painel de especialistas. Como a participação deles na investigação não tem caráter confirmatório (de “palavra final”), eles devem ser considerados como mais um grupo de participantes que irá contribuir para compor o conjunto de resultados a serem integrados entre si. Em outras palavras, aqui o sentido da palavra especialista foge um pouco de seu uso tradicional; estamos elencando sob esse rótulo as pessoas, que tendo alguma forma de contato com a situação de interesse da investigação (seja por conhecerem as pessoas envolvidas ou as condições ambientais estudadas), merecem ser ouvidas, justamente por causa dessa sua “especialidade”. Imaginemos, por exemplo, o caso de uma professora de pré-escola que poderá fornecer informações importantes sobre um aluno com problemas, além dos dados oriundos da própria criança ou de seus pais. É ilusório pensar que apenas pessoas em posições de responsabilidade podem contribuir com informações relevantes. O porteiro, o zelador, o funcionário que serve o cafezinho, o vizinho da frente podem apresentar ângulos importantes da situação estudada, o que é coerente com uma visão ecológico-sistêmica das vidas humanas em constante interação.

A compreensão dos objetivos do estudo e a disponibilidade pessoal para participar podem se mostrar mais importantes do que o poder político que o informante tem na situação. “Pessoas em papéis sociais diferentes, recém-chegadas ou que tenham deixado a função recentemente, podem dar perspectivas e informações bastante úteis. A relevância da fonte está relacionada com a contribuição que pode dar para atingir os objetivos da pesquisa” (Duarte, 2005). Deve-se também explorar ativamente a possibilidade de os próprios entrevistados indicarem outras pessoas, cujas informações sobre o assunto elas considerem

apropriadas para o estudo; aspectos inesperados e importantes podem surgir dessa iniciativa. Convém destacar, uma vez mais, que nesta forma de emprego do painel de especialistas não se está considerando a opinião “abalizada” do especialista contra o julgamento “desinformado” do leigo. Tomemos o caso da tradição dos estudos sobre avaliação de risco, em que era (e ainda é) comum que o julgamento “objetivo” do *expert* fosse contraposto à apreciação “subjetiva” da mesma situação pelo leigo, levando a reflexões sobre a adequação de tal oposição (e.g., Sjöberg, 1999; Wright, Bolger e Rowe, 2002). Por isso, na revisão que fez do tema, Luisa Lima (2005) afirma que a separação “entre técnicos e leigos é uma visão simplista, e que as fronteiras entre os dois grupos são cada vez menos claras. Nem os técnicos falam a uma só voz, nem o público é uma massa homogênea” (p. 237).

Desacordos entre público e especialistas, entre políticos e especialistas, assim como entre os próprios especialistas, podem ser entendidos como julgamentos diferentes, em geral baseados em diferenças terminológicas, mas também em conflitos de interesses e de valores. Processos de decisão e políticas públicas deveriam levar em conta essas diferentes perspectivas e tentar integrá-las, com o apoio de estudos de percepção e avaliação ambientais (Bonnes e Bonaiuto, 1995). É importante mencionar que não se trata apenas de uma questão metodológica; os desdobramentos dessas opções estratégicas de pesquisa apresentam tanto implicações sociais, como novos cenários teóricos, como bem ilustra a perspectiva defendida por Ryan (2005). Ele investigou apego ao lugar (*place attachment*) e conhecimento ambiental relativos a áreas naturais da cidade, conforme a visão de vizinhos, visitantes e funcionários, que diferiram nas manifestações estudadas. As implicações dessas visões distintas para propostas diferentes de manejo dessas áreas também ficaram evidentes, o que poderia implicar em conflitos. Se, no entanto, aqueles conceitos estudados forem concebidos como multifacetados e implicados no relacionamento das pessoas com os lugares, esses conflitos poderiam ser mitigados. A seguir, apresentamos dois exemplos de investigações que empregaram essa forma do painel de especialistas. Conforme explicado acima, o ponto de vista dessas pessoas com informações de algum modo privilegiadas sobre o tema foi comparado e integrado com a visão dos usuários dos ambientes estudados.

Ilustração 1: apego de moradores à vizinhança

Apesar de a vizinhança poder ser entendida como uma extensão afetiva do lar (Amérigo, 2010), estudos indicam que esse espaço da vida cotidiana vem perdendo

importância como objeto de apego ao lugar (Hidalgo e Hernández, 2001; Lewicka, 2010). Tais ambientes, espacialmente imediatos à residência, têm seus limites estabelecidos subjetivamente em função de uma série de fatores, como medo, marcas étnicas, faixa etária, além de marcos culturais e/ou físicos (Campbell, Henly, Elliot e Irwin, 2009; Dassopoulos e Monnat, 2011). Isso traduz sua possibilidade de composição multifacetada – moradores, não moradores, instituições, casas, espaços abertos, comércio, etc. –, bem como de múltiplas formas de organização socioespacial, levando a inúmeros contextos de vizinhança (Rivlin, 1987), o que implica, igualmente, uma possibilidade de laços entre pessoas e suas vizinhanças dos mais diversos tipos.

No contexto da importância desses espaços para a constituição de culturas locais, o estudo realizado por Farias (2011) na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, tinha como objetivos: identificar vizinhanças ainda caracterizadas pelo sentimento de apego ao lugar; entender as características que as identificam; e quais elementos tornam possível (ou dificultam) o desenvolvimento dessas características. Para tanto, o painel de especialistas foi composto por 10 entrevistados.

Partindo de uma primeira indicação, oriunda de nosso próprio grupo de pesquisa, cada entrevistado indicou outro potencial participante. Eles foram indicados por trabalharem com vizinhanças caracterizadas por uma dinâmica intensa ou por terem vivido por muito tempo em vizinhanças desse tipo e serem bons conhecedores de tal contexto. Participaram dois arquitetos, um planejador urbano, dois folcloristas, um tecnólogo ambiental, dois jornalistas, um escritor e um músico. Eles eram contatados por telefone e a entrevista agendada em função de sua disponibilidade.

As entrevistas, que obedeceram a um roteiro semiestruturado, foram gravadas em áudio, com a permissão dos entrevistados. As gravações foram, posteriormente, transcritas para um banco de dados digital e seu conteúdo analisado com o auxílio de software específico para tal fim, conforme a análise de conteúdo temática clássica, com categorização das falas e posterior avaliação por juízes para assegurar fidedignidade (Bauer, 2002; Sommer e Sommer, 2002). As falas dos especialistas indicaram que as principais características de tais vizinhanças são os elementos de socialização (atividades que subjazem à interação social), como “pessoas se reunindo na frente da casa, com as cadeiras na calçada, conversando no início da noite”, de cooperação (comportamentos de suporte social), como emprestar uma ferramenta ou tomar conta da casa de um vizinho, e intimidade, indicando um grau

de participação na vida do vizinho, como frequentar a casa do mesmo, diariamente ou em ocasiões especiais, como festas familiares. Além disso, destacaram a utilização do espaço físico, seja no “brincar na rua”, “fazer festa de São João”, seja no uso de instituições locais, como igrejas, mercados, bares, como espaços que facilitam a socialização. Os entrevistados também mostraram que figuras ou lugares simbólicos, que carregam o nome ou referências à vizinhança, contribuem para um sentimento de unidade local. Para os especialistas, essa diversidade de elementos é facilitada pelo tempo de moradia no local, pela facilidade de contato espacial – seja pela proximidade das casas e trânsito de pessoas, ou falta de espaço no interior das casas –, por uma possível familiaridade prévia entre vizinhos, ou mesmo por práticas de convívio relativas a costumes herdados ou trazidos de outros locais. Além desse panorama sobre as características de vizinhanças apegadas e sobre os limitadores e facilitadores de tais características, relativos aos contextos social, ambiental e cultural, os especialistas também indicaram algumas vizinhanças na cidade que apresentam grande parte das características apontadas por eles como elementos constituintes de vizinhanças apegadas. Tais indicações foram o ponto de partida para a etapa posterior da pesquisa, que visou se aprofundar no estudo do apego e suas dimensões em duas das vizinhanças indicadas, a partir do discurso dos próprios moradores (para o relato completo do estudo, ver a dissertação de mestrado de Farias, 2011). Dessa forma, o painel operou tanto como coleta de dados relativos ao objeto de pesquisa (apego a vizinhanças), como também possibilitou uma combinação de visões diferentes sobre uma mesma realidade. É possível afirmar, então, que a técnica foi uma ferramenta adequada ao caráter exploratório da pesquisa.

Por outro lado, a lente da expertise parece direcionar as falas para expectativas de cada profissão. Dessa forma, quando perguntado sobre apego ou relações de vizinhança, o especialista pode tender para o que é a busca diária de sua profissão, seja coesão, participação ou mesmo as figuras simbólicas de destaque. Isso não é, de forma alguma, um problema. Permite a variedade de informações e olhares, cabendo ao pesquisador lançar mão deles de forma coerente, e essa coerência pareceu emergir na composição multimetodológica, sendo o painel, neste caso, uma etapa a ser complementada.

Ilustração 2: identidade de lugar de moradores de um vilarejo de pescadores

A partir da interação com o ambiente definimos em parte quem somos. Nesse sentido, a mútua influência entre pessoa e ambiente implica que o desenvolvimento

de nossa identidade refere-se necessariamente, em maior ou menor extensão, ao ambiente (Twigger-Ross e Uzzell, 1996). A identidade está relacionada a lugar, entendido como um espaço dotado de valor e significados (Tuan, 1983). O lugar é importante para a manutenção e estruturação dos princípios de identidade e alguns estudos apontam possíveis ameaças à sua estruturação em casos de alterações de contexto residencial, como realocações e migrações.

O estudo aqui apresentado teve como fenômeno central a investigação da identidade de lugar (Hernández, Hidalgo, Salazar-Laplace e Hess, 2007; Twigger-Ross, Bonaiuto e Breakwell, 2003). Foi realizado como parte da dissertação de mestrado de Abe-Lima (2012) em Tibau do Sul, cidade litorânea do estado do Rio Grande de Norte, um antigo vilarejo de pescadores e agricultores que passou por importantes transformações, especialmente nesta última década, com o desenvolvimento turístico da região. O objetivo do estudo foi analisar as possíveis relações entre tais mudanças no contexto (e não de contexto) e alguns elementos da identidade de lugar de nativos residentes no distrito, tais como continuidade, distintividade, autoestima e autoeficácia. O estudo foi estruturado em duas etapas de entrevistas semi-estruturadas: a primeira consistiu no painel de especialistas e a segunda em entrevistas com nativos de diferentes gerações residentes na sede municipal.

O painel de especialistas foi delineado com o objetivo de adquirir mais informações sobre a história da cidade; aproximar-se de diversos olhares para aquele ambiente, as pessoas desse ambiente e sua história; e obter indicações de participantes (moradores) para a segunda etapa. O roteiro de entrevistas consistiu em: (1) breve histórico da relação do depoente com a cidade; (2) descrição do ambiente (físico e social) do passado até atualmente; (3) possíveis implicações para os nativos das transformações do ambiente nas últimas décadas; (4) indicação de participantes nativos, residentes no distrito, que compusessem uma diversidade de olhares para aquele contexto (gênero, idade, profissão, classe social, escolaridade, opinião sobre a cidade, etc.).

Os participantes iniciais dessa etapa do painel de especialistas foram indicados informalmente por muitos nativos como conhecedores da história da cidade, os quais, por sua vez, indicavam outros potenciais participantes. Entre os 10 entrevistados, quatro foram diretamente selecionados com base em conversas com nativos: o filho de um nativo importante, responsável pela maioria da literatura encontrada sobre o local; um ex-prefeito, a primeira pessoa não-nativa a adquirir terras no distrito; e o primeiro empresário de turismo do distrito. Os outros entrevistados foram:

uma senhora, primeira diretora das escolas estaduais do município, vereadora por quatro mandatos, vice-prefeita e primeira dama; um dos primeiros surfistas a se mudar para a região no início do turismo, atualmente empresário; um senhor nativo que foi trabalhar no Rio de Janeiro e voltou devido à alta da exploração de lagosta, dono de muitas terras; e três não-nativos que se mudaram para o distrito no início do desenvolvimento do turismo para trabalhar; atualmente um é empresário, outro é bugueiro e professor de capoeira, e outra é gerente de hotel.

Os participantes foram contatados por telefone, ou informalmente em locais públicos, e as entrevistas agendadas conforme sua disponibilidade. Estas foram, com a permissão dos entrevistados, gravadas em áudio e transcritas; e sua análise foi realizada com base na análise de conteúdo temática (Bardin, 2004; Bauer, 2002). A revisão de literatura realizada e as sucessivas leituras das entrevistas orientaram sua classificação conforme as seguintes categorias de análise: aspectos históricos e culturais; políticos; econômicos; ambiente/ infraestrutura; nativos; tempo; e futuro.

A utilização da técnica do painel de especialistas possibilitou uma aproximação diferenciada do contexto de pesquisa; a multiplicidade de olhares e opiniões dos entrevistados permitiu uma revisão do roteiro de entrevistas da etapa posterior, com os moradores. Desse modo, além do apoio na revisão de literatura e na interlocução com os colegas estudiosos das relações pessoa-ambiente, o delineamento do estudo foi aprimorado a partir da interlocução com tais informantes diferenciados e suas vivências no contexto de pesquisa. Ainda, as referências de acontecimentos e personagens mencionadas pelos entrevistados do painel de especialistas auxiliaram no conhecimento da história da cidade, o que facilitou muito a interação da pesquisadora com os nativos na segunda etapa de entrevistas. Todos os entrevistados do painel foram nativos que viveram muitos anos em outras cidades, ou pessoas de fora que decidiram viver naquele distrito. Isso possivelmente facilitou o processo de comunicação da pesquisadora com eles, pela linguagem utilizada e explicação/compreensão dos objetivos de pesquisa.

O uso do painel de especialistas neste estudo significou um processo de adaptação da teoria àquele contexto específico de pesquisa, uma vez que auxiliou tanto na readequação da linguagem para a etapa posterior, quanto em um maior entendimento da cultura local previamente à coleta de dados com os moradores. Essa experiência nos faz recomendar o uso da técnica de painel de especialistas para a aproximação ao contexto de pesquisa, especialmente quando o pesquisador não tem muita familiaridade com a cultura local. Além

disso, as informações e opiniões provenientes do painel de especialistas foram posteriormente comparadas com a visão dos nativos moradores, o que proporcionou uma complementação muito importante para as conclusões do estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a expressão painel de especialistas tradicionalmente identifique várias formas de sua inserção na pesquisa social e da saúde, geralmente de caráter preliminar no desenvolvimento do projeto de pesquisa, nesta apresentação estivemos tratando de seu uso como uma estratégia de coleta e análise de dados em um cenário multimetodológico de pesquisa. Tal cenário se justifica quanto mais o tema investigado implique em aspectos vários e interdependentes do fenômeno em estudo, situação cada vez mais típica na pesquisa social atual, que já conta com recursos sofisticados de análise, tanto qualitativa, como quantitativa.

Estivemos defendendo o uso do painel de especialistas em contextos exploratórios de pesquisa, como no caso dos estudos apresentados como ilustração. Farias (2011) adotou essa estratégia para investigar o apego ao lugar em vizinhanças; não em quaisquer vizinhanças, mas naquelas reconhecidas pelos especialistas como sendo vizinhanças ativas, com vida social, nas quais o apego ao lugar pudesse ser reconhecido e analisado. Em seu estudo a abordagem exploratória se justificava, pois o apego ao lugar costuma ser mais estudado na escala da cidade ou do lar e também pelo fato de a maioria da literatura de apoio ser estrangeira. Os especialistas puderam ajudar a referendar ou retificar os resultados dessa literatura e traduzir suas conclusões para a realidade de uma capital do nordeste do país. Neste estudo, assim como no de Abe-Lima (2012), o painel de especialistas foi empregado na modalidade sequencial, o que favoreceu sobremaneira o contato posterior desses pesquisadores com seus públicos-alvo, moradores das vizinhanças com apego ao lugar e habitantes da (transformada) Tibau do Sul. Especialmente no segundo caso, o painel de especialistas foi fundamental na preparação da pesquisadora para a abordagem dos moradores entrevistados, como o seu relato enfatizou.

Os dois estudos aqui apresentados (assim como já havia acontecido anteriormente também na dissertação de Albino, 2010) não aconteceram sem algum sofrimento de seus autores. Eles tiveram de enfrentar as dificuldades surgidas e encontrar soluções ad hoc, uma vez que se dispuseram a elaborar seus estudos sem se prender a regras metodológicas preestabelecidas. O rigor metodológico adotado estava

imbuído do mesmo espírito que orientou a coletânea organizada por Menandro, Trindade e Borloti (1999), que visava a permitir “o entendimento e a avaliação de como determinado conhecimento foi produzido, com um vigor criativo que impeça a acomodação em um medíocre e acrítico cumprimento de regras (que, de resto, é estéril)...” (p. 9).

Entendemos que buscar a opinião e a informação de testemunhas privilegiadas (os especialistas) quanto ao conhecimento de aspectos da realidade sob investigação é uma estratégia a ser integrada às sondagens de usuários e outros recursos de pesquisa. Nessa perspectiva, o painel de especialistas deixa de ter caráter de autoridade conhecedora, de “palavra final” sobre o assunto; deixa de ser um vaticínio a ser seguido pelo público leigo mal informado ou desinformado (os usuários). Sua inserção no projeto de pesquisa se caracteriza muito mais como processo do que como produto; mais concatenada com uma abordagem indutiva do que dedutiva; mais coerente com paradigmas ecológicos e complexos, do que de inspiração positivista.

O painel de especialistas foi discutido aqui, não como estratégia de confirmação de diagnósticos, mas como meio para obter um dos pontos de vista que compõem o cenário complexo e múltiplo das representações do fenômeno investigado. Nesse sentido, tem propósito parecido com o procedimento empregado nos estudos de psicologia ecológica, por Roger Barker (1968) e colaboradores. Após a identificação pela equipe de pesquisa de um behavior setting no ambiente estudado, eles verificavam a correspondência dessa identificação com a nomenclatura de senso comum utilizada pela população do local, o que conduzia à ratificação ou revisão da classificação realizada pela equipe. Ou seja, a representação final daquela unidade eco-comportamental da comunidade em estudo deveria integrar a visão dos pesquisadores com a dos usuários locais.

A ênfase da proposta apresentada aqui é na exploração conjunta de várias fontes de informação sobre o fenômeno estudado, em particular o painel de especialistas. É verdade que a estratégia multimétodos é relativamente nova e que os pesquisadores iniciantes se sentem um tanto desamparados nela, especialmente na fase de integrar os dados na análise de mais de uma fonte. Ao mesmo tempo, entretanto, sua maior justificativa é a possibilidade de corresponder ao cenário complexo e multifacetado com que se apresentam os problemas que pedem investigação social. Com sua utilização, reduz-se o viés metodológico, dificultando a armadilha de o pesquisador tentar adaptar a realidade à sua teoria.

REFERÊNCIAS

- Abe-Lima, J.Y. (2012). De vilarejo a cidade: identidade de lugar de moradores nativos de Tibau do Sul-RN. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Albino, V.P. (2010). Uma semente de participação popular: adolescentes pensando o seu lugar. In J.Q. Pinheiro & G.A. Elali (Orgs.). *Inter-ações pessoa-ambiente: nove estudos potiguarenses* (pp. 169-186). Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Amérigo, M. (2010). Ambientes residenciais. In J. I. Aragonés, & M. Amérigo (Orgs.). *Psicología Ambiental* (pp. 123-145). Madri: Pirámide.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (3ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Barker, R.G. (1968). *Ecological Psychology*. Stanford, Califórnia: Stanford University Press.
- Bauer, M.W. (2002). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In M.W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (Trad. P. Guareschi; pp. 189-217). Petrópolis: Vozes.
- Bonnes, M. & Bonaiuto, M. (1995). Expert and layperson evaluation of urban environmental quality: the “natural” versus the “built” environment. In Y. Guerrier, N. Alexander, J. Chase, M. O’Brien (Orgs.). *Values and the environment: a social science perspective* (pp. 151-163). Nova York: Wiley.
- Bonnes M., Uzzell D., Carrus G., Kelay T. (2007). Inhabitants’ versus experts’ assessment of environmental quality for urban sustainability. *Journal of Social Issues*, 63, 59-78.
- Brewer, J. & Hunter, A. (2006). *Foundations of multimethod research: synthesizing styles*. Thousand Oaks, California: Sage.
- Campbell, E., Henly, J., Elliot, D. & Irwin, K. (2009). Subjective constructions of neighborhood boundaries: lessons from a qualitative study of four neighborhoods. *Journal of Urban Affairs*, 31(4), 461-490. doi:10.1111/j.1467-9906.2009.00450.x
- Costa, M. (2005). Grupo Focal. In J. Duarte & A. Barros (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (pp. 180-192). São Paulo: Atlas.
- Gondim, S.M.G. (2003). Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, 12(24), 149-161. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2002000300004>>.
- Creswell, J.W. (2010). *Projeto de pesquisa; métodos qualitativo, quantitativo e misto* (3ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Dassopoulos, A. & Monnat, S. (2011). Do perceptions of social cohesion, social support, and social control mediate the effects of local community participation on neighborhood satisfaction? *Environment and Behavior*, 43(4), 546-565. doi:10.1177/0013916510366821
- Duarte, J. (2005). Entrevista em profundidade. In J. Duarte & A. Barros (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (pp. 62-83). São Paulo: Atlas.
- Dunlap, R.E. & Van Liere, K.D. (1978). The “New Environmental Paradigm”, a proposed measuring instrument and preliminary results. *Journal of Environmental Education*, 9, 10-19.
- Farias, T.M. (2011). O afeto além dos muros e portões: o apego a vizinhanças na Cidade do Natal. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Günther, H., Elali, G.A. & Pinheiro, J.Q. (2008). A abordagem multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: características, definições e implicações. In J. Q. Pinheiro & H. Günther (Orgs.). *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (pp. 369-396). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Günther, H., Elali, G.A. & Pinheiro, J.Q. (2011). Multimétodos. In S. Cavalcante & G.A. Elali (Orgs.). *Temas básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 239-249). Petrópolis: Vozes.
- Günther, I.A. (2008). O uso da entrevista na interação pessoa-ambiente. In J.Q. Pinheiro & H. Günther (Orgs.). *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (pp. 53-74). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hernández, B., Hidalgo, M.C., Salazar-Laplace, M.E. & Hess, S. (2007). Place attachment and place identity in natives and non-natives. *Journal of Environmental Psychology*, 27(4), 310-319. <<http://dx.doi.org/10.1016/j.jenvp.2007.06.003>>.
- Hernández-Sampieri, R., Fernández-Collado, C. & Baptista-Lucio, P. (2006). Metodología de la investigación (4ª ed.). Cidade do México: McGraw-Hill Interamericana.
- Hidalgo, M.C. & Hernández, B. (2001). Place attachment: conceptual and empirical questions. *Journal of Environmental Psychology*, 21, 273-281. <<http://dx.doi.org/10.1006/jevp.2001.0221>>.
- Lewicka, M. (2010). What makes neighborhood different from home and city? Effects of place scale on place attachment. *Journal of Environmental Psychology*, 30(1), 35-51. <<http://dx.doi.org/10.1016/j.jenvp.2009.05.004>>.
- Lima, M.L.P. (2005). Percepção de riscos ambientais. In L. Soczka (Org.). *Contextos humanos e psicologia ambiental* (pp. 203-245). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Menandro, P.R.M., Trindade, Z.A. & Borloti, E.B. (1999). *Pesquisa em Psicologia: criando métodos*. Vitória: UFES/Capes.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais* (2ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Rivlin, L.G. (1987). The neighborhood, personal identity, and group affiliations. In I. Altman & A. Wandersman (Orgs.). *Neighborhood and community environments* (pp. 1-31). Nova York: Plenum.
- Ryan, R.L. (2005). Exploring the effects of environmental experience on attachment to urban natural areas. *Environment and Behavior*, 37(1), 3-42. doi:10.1177/0013916504264147
- Sjöberg, L. (1999). Risk perception by the public and by experts: a dilemma in risk management. *Human Ecology Review*, 6(2), 1-9.
- Sommer, R. & Sommer, B. (2002). *A practical guide to behavioral research* (5ª ed.). Nova York: Oxford University Press.
- Tashakkori, A. & Teddlie, C. (Orgs.). (2003). *Handbook of mixed methods in the social and behavioral sciences*. Thousand Oaks, California: Sage.
- Taylor, J.G., Zube, E.H. & Sell, J.L. (1987). Landscape assessment and perception research methods. In R.B. Bechtel, R.W. Marans, & W. Michelson (Orgs.). *Methods in environmental and behavioral research* (pp. 361-393). Nova York: Van Nostrand Reinhold.
- Tuan, Yi-Fu. (1983). *Espaço e lugar, a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel.
- Twigger-Ross, C.L. & Uzzell, D.L. (1996). Place and identity process. *Journal of Environmental Psychology*, 16, 205-220.
- Twigger-Ross, C.L., Bonaiuto, M. & Breakwell, G. (2003). Identity theories and Environmental Psychology. In M. Bonnes, T. Lee & M. Bonaiuto (Orgs.). *Psychological theories for environmental issues* (pp. 203-234). Aldershot, Reino Unido: Ashgate.
- Wright, G., Bolger, F. & Rowe, G. (2002). An empirical test of the relative validity of expert and lay judgments of risk. *Risk Analysis*, 22(6), 1107-1122. doi:10.1111/1539-6924.00276

Agradecemos ao CNPq, pela bolsa de produtividade em pesquisa do primeiro autor, e à Capes, pelas bolsas de mestrado concedidas aos demais autores. Agradecemos também aos participantes dos dois estudos que deram origem às dissertações, pela disponibilidade e atenção. Aos colegas do Grupo de Estudos Inter-Ações Pessoa-Ambiente/UFRN, pelas diversas contribuições ao nosso trabalho, bem como aos pareceristas anônimos, cujas observações ajudaram a melhorar o trabalho.

Recebido em: 15.05.2012. Aceito em: 01.02.2013.

Autores:

José de Queiroz Pinheiro – Psicólogo; Mestre em Psicologia Social; Doutor em Psicologia Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Tadeu Mattos Farias – Psicólogo; Mestre em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Potiguar (UnP).
July Yukie Abe-Lima – Psicóloga; Mestre em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Enviar correspondência para:

José Q. Pinheiro
Caixa Postal 1507
CEP 59078-970, Natal, RN, Brasil
E-mail: pinheiro@cchla.ufrn.br; jqpinheiro@pq.cnpq.br